

Grupo de mulheres em um CRAS de São João del-Rei: um relato de experiência

A women's group at a São João del-Rei's Social Welfare Center: a case report

Maria Paula Batista Martins

Psicóloga; Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG, Brasil.
batistamartinsmp@gmail.com

Isadora Resende de Andrade

Estudante de Graduação em Psicologia; Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG, Brasil.
isadoraresendeandrade@gmail.com

Luiza Fernandes Barros

Mestre em Psicologia; Prefeitura Municipal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG, Brasil.
bailariza@yahoo.com.br

Marcelo Dalla Vecchia

Doutor em Saúde Coletiva; Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG, Brasil. mdvecchia@ufsj.edu.br

Resumo

Relata-se a experiência de implantação e de desenvolvimento das atividades de um grupo com mulheres em um Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), em 2022, no contexto de um estágio de intervenção psicossocial em grupos. Trata-se de um grupo aberto, constituído por, em média, nove mulheres, em geral, idosas e negras. O método das práticas grupais, com os aportes da oficina em dinâmica de grupo, norteia as discussões pautadas nas temáticas de gênero, feminismo e violências contra a mulher. Destaca-se a potencialidade da intervenção grupal para a formação de vínculos entre as participantes, a promoção de elaborações singulares e coletivas e a oportunidades de refletir, acolher e problematizar temas, pensamentos e emoções.

Descritores: Assistência Social; estágio; feminismo; mulheres; processos grupais.

Abstract

It is reported the experience of implementing and developing the activities of a group with women, in a Social Welfare Reference Center (CRAS), in 2022, in the context of a group-based psychosocial intervention internship. It is an open group work, consisting of, on average, 9 women, in general, elderly, and black. The method of group practices, with the contributions of the workshop in group dynamics, guided the discussions based on the themes of gender, feminism, and violence against women. It is highlighted the potential of group intervention for the formation of bonds between the participants, the promotion of singular and collective elaborations and the opportunities to reflect, to foster and to question themes, thoughts, and emotions.

Keywords: Social Welfare; internship; feminism; women; group processes.

1 Introdução

O presente artigo relata uma das experiências em desenvolvimento no âmbito do estágio Intervenção Psicossocial com Grupos, desenvolvido por duas alunas do curso de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). O grupo intitulado “Mulheres unidas: vivendo os encontros”, título atribuído pelas próprias participantes, é realizado em um dos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) do município de São João del-Rei, em Minas Gerais e, como o próprio nome indica, trata-se de um grupo constituído exclusivamente por mulheres.

Essa proposta de trabalho tem como ponto de partida a compreensão de que as violências direcionadas ao ser mulher em nossa sociedade têm suas raízes nas relações assimétricas de poder estabelecidas entre homens e mulheres (Miura, Silva, Medeiros, Sena, & Menezes, 2021). Tal problema pode ser compreendido a partir da própria concepção de gênero proposta por Scott (2019); segundo a autora, o conceito de gênero diz respeito às diferenças percebidas entre os sexos, constituindo relações sociais e significando relações de poder por meio da organização concreta e simbólica da vida social.

Assim, como efeito das relações de poder e baseado na materialidade dos corpos, a lógica patriarcal dicotômica de se pensar gênero circunscreve formas de hierarquização e de normatização que estão a serviço da exploração e da manutenção de um sistema de opressão em que homens exercem seu poder sobre mulheres, ditando formas de ser e de existir (Conselho Federal de Psicologia, 2013).

Conforme Passos (2020), a divisão social e sexual do trabalho incube atribuições referentes à esfera do cuidado às mulheres, de modo que, a partir do gênero e dos aprofundamentos de raça e classe, naturalizam-se comportamentos como aspecto essencial de um sexo biológico definido. As intersecções de gênero, raça e classe, bem como as marcas da colonialidade, implicam em uma determinação racial do trabalho, por meio da qual a inserção de mulheres na esfera pública e a execução de trabalhos ocorrem diferentemente entre negras (pretas e pardas) e brancas, sendo que as primeiras acabam por realizar trabalhos subalternizados e de baixa remuneração (Lorde, 2020). Além disso, no que se refere às atribuições de papéis sociais diferenciados e específicos entre homens e mulheres, uma divisão dicotômica atribui às mulheres o mundo privado, voltado para o âmbito do cuidado, e aos homens o mundo público, voltado para a provisão econômica (Duarte & Spinelli, 2019).

A Psicologia Social se insere na discussão desse tema, possibilitando a compreensão do gênero enquanto produção sócio-histórica e propondo que as relações constituídas por esse processo são passíveis de transformação (De Jesus & Galinkin, 2015). Entende-se, nesse sentido, ser fundamental ampliar os espaços de reflexão e de construção em torno da questão do ser mulher.

Nesse contexto, o problema da violência retrata as disparidades dos papéis de gênero, das relações de poder desiguais e das vulnerabilidades intensificadas pelos aspectos de classe, raça ou etnia, faixa etária, orientação sexual, nível de escolaridade, relações urbano-rurais, entre outros fatores. Dessa forma, objetivou-se a elaboração de uma intervenção criada por e para

mulheres abordando temáticas de gênero, feminismos e violências contra a mulher, através das vivências das integrantes, pautando-se no método das Práticas Grupais (Pereira & Sawaia, 2020), com aportes da Oficina em Dinâmica de Grupo (Afonso, 2018).

Conforme explicita o Conselho Federal de Psicologia (2021), os grupos desenvolvidos pelos CRAS no âmbito do Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF), enquanto ação de Proteção Social Básica (PSB) do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), devem se basear na interação, participação e diálogo, a fim de promover uma compreensão acerca das vulnerabilidades e potências implicadas em seu contexto de vida. Os trabalhos com os grupos devem se relacionar com as demais atividades comunitárias desenvolvidas no território para fortalecer as formas de organização social e cultural, viabilizando as mudanças na realidade vivida (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009).

Em concordância com Afonso e Fadul (2015), entende-se que o trabalho com grupos da PSB visa garantir as seguranças básicas para os sujeitos e, para isso, busca o desenvolvimento de processos de transformação que se associem ao desejo de autonomia dos grupos sociais envolvidos. Nesse sentido, o grupo deve ser compreendido em relação à perspectiva histórica na qual se constitui, bem como em sua inserção social, considerando os atravessamentos econômicos, institucionais e ideológicos, podendo, portanto, ser considerado enquanto um processo grupal (Lane, 1984). Por conseguinte, o processo grupal revela de que maneira a história individual dos sujeitos que compõem o grupo são construídas e constroem a história coletiva da sociedade em um movimento dialético (Pereira & Maheirie, 2022). Ao identificar e reconhecer as contradições apresentadas no grupo, este pode contribuir como potente produtor de relações, experiências e significações.

As intervenções psicossociais em grupo são construídas em torno de uma questão principal a ser elaborada por seus integrantes, sendo realizadas em contextos sociais específicos e mobilizando sujeitos a refletir sobre seus modos de pensar, sentir e agir (Afonso, 2018). Busca-se, no presente relato de experiência, compartilhar análises e resultados de uma intervenção psicossocial que vem sendo realizada junto a um grupo de mulheres em um CRAS do município de São João del-Rei. Pretende-se, com isso, contribuir com a proposição de trabalhos com grupos que envolvam temáticas de gênero e que desejam desenvolver intervenções voltadas para o acolhimento e para o suporte às mulheres em situação de vulnerabilidade ou de violência de gênero. Além disso, se explora, a seguir, como tem se dado

o trabalho desenvolvido pelo estágio em questão, a partir dos resultados já observados e do percurso trilhado até o momento.

2 Metodologia

Esse relato de experiência está de acordo com a Resolução nº 510, de 07/04/ 2016, do Conselho Nacional de Saúde para as atividades de pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, com destaque para o Art.1º da Resolução que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, ressaltando-se o parágrafo único que descreve as normativas para a ausência de registros e avaliações de projetos pelo sistema CEP/CONEP, em seu inciso VII: estudo que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito (CNS, 2016).

O grupo “Mulheres unidas: vivendo os encontros” configura-se enquanto uma prática grupal (Pereira & Sawaia, 2020), realizada semanalmente em uma sala do CRAS reservada para atividades desta natureza, tem como público-alvo as mulheres do território em que se localiza o serviço. Tomando por base as contribuições da Psicologia Histórico-Cultural, Pereira e Sawaia (2020) elaboraram recomendações para a condução de atividades em grupos abertos e contínuos, tais quais o do presente relato de experiência, envolvendo o processo de formar o grupo, planejar o *setting*, planejar e replanejar o processo, definir instrumentos dialógicos, iniciar o processo, conduzir os encontros e encerrar o processo, além do papel da coordenação de modo consistente com a abordagem teórica a que recorrem. Na experiência desenvolvida, para além destes fundamentos teórico-metodológicos, a perspectiva de Afonso (2018) subsidiou complementarmente os aspectos relativos à coordenação e à aplicação das técnicas grupais.

A divulgação do grupo se deu por meio da fixação e distribuição de folhetos no próprio CRAS e de reiterados convites realizados pela equipe, em seu fazer cotidiano e nas ações do PAIF, às mulheres atendidas no serviço. Importante destacar que o dia e o horário de realização dos encontros foram escolhidos estrategicamente, considerando as sugestões das usuárias e a “Oficina de ginástica”, atividade consolidada no serviço há muitos anos, de modo que os encontros do grupo de mulheres passaram a acontecer previamente à oficina. Esta escolha teve efeitos positivos por possibilitar, por um lado, que as mulheres que chegassem para a ginástica tomassem conhecimento do grupo e, por outro, que elas pudessem participar de ambas as atividades.

Por ser um grupo aberto e contínuo, o número de participantes varia em uma margem de sete a 12 mulheres por encontro, havendo tanto participações mais fixas quanto esporádicas. O grupo é constituído majoritariamente por mulheres idosas, negras e em situação de vulnerabilidade social pelos mais diversos motivos. Entretanto, abrange também uma diversidade de “mulheridades”, por exemplo, com relação ao estado civil, escolaridade, configurações familiares, espiritualidade e história profissional.

O grupo é coordenado por uma dupla de estudantes do curso de Psicologia da UFSJ (primeiras duas autoras deste trabalho), em parceria com a psicóloga do CRAS enquanto supervisora de campo do estágio (terceira autora) e sob supervisão acadêmica do quarto autor. Dessa forma, são realizados conjuntamente o planejamento, a condução dos encontros e a posterior análise dos encontros desenvolvidos. Além dos encontros, são realizadas supervisões semanais com o professor-supervisor do estágio, viabilizando um novo momento de planejamento e análise, além dos encaminhamentos das atividades realizadas no campo. Tendo em vista as perspectivas de Pereira e Sawaia (2020) e Afonso (2018), as intervenções psicossociais realizadas se dão por meio de um planejamento flexível e visam contemplar três momentos principais a cada encontro: iniciar o processo (o aquecimento ou relaxamento), conduzir o encontro e encerrar o processo.

O primeiro momento do encontro trata-se do aquecimento ou relaxamento, que consiste na realização de uma atividade de curta duração, em geral, envolvendo gestos e movimentos corporais, visando focalizar e preparar o grupo para a discussão, favorecendo também a construção do vínculo grupal. Com isso, também busca-se fomentar o movimento, a concentração e o equilíbrio. A atividade proposta para esse momento também pode operar como uma prévia do tema a ser trabalhado no dia por meio de instrumentos dialógicos diversos. A título de ilustração, pode-se citar a execução de alongamentos e técnicas de relaxamento baseadas na respiração e da autopercepção corporal. Por vezes, esse período do encontro grupal pode promover a reaproximação entre as integrantes que comumente já participam do grupo e a recepção daquelas que chegam pela primeira vez.

No segundo momento, propõe-se a atividade central, cuja proposta é levantada junto das participantes, sempre no encontro anterior, articulando interesses das participantes com sugestões das coordenadoras. Assim, apresenta-se uma tarefa disparadora da discussão por meio da utilização de recursos lúdicos e expressivos, que visa contribuir para o desenvolvimento e elaboração das questões mobilizadas no encontro. No decorrer da realização

das atividades propostas, a coordenação, quando plausível, pode intervir, apoiando os processos de ressignificação das participantes por meio da problematização do conteúdo que emerge no encontro.

Por último, o terceiro momento consiste na finalização do encontro. Esse momento compreende a avaliação e sistematização dos principais tópicos abordados na discussão do dia e o levantamento de temas e sugestões para os encontros seguintes. No grupo em questão, seguindo sugestão das integrantes, instituiu-se o momento do abraço: uma das mulheres presente escolhe uma música, depois todas se abraçam e seguem para o café disponibilizado pela equipe do CRAS. Todas essas três etapas são distribuídas em um período de 60 minutos.

Os registros dos encontros são realizados semanalmente por meio de diários de campo (Freitas & Pereira, 2018) e visam o acompanhamento do processo grupal, possibilitando um melhor planejamento das intervenções e a documentação de percepções e análises sobre as atividades do grupo. Além disso, tais registros configuram-se enquanto memórias grupais dos encontros que vêm ocorrendo desde agosto de 2022. Cada encontro é planejado de forma que uma pessoa que deseja participar de um encontro isolado assim possa fazê-lo. No entanto, o que será trabalhado no encontro seguinte considera o que as participantes do encontro anterior propuseram.

Até o momento, foram realizados 23 encontros em torno da questão “o que é ser mulher?”, abordando os mais diversificados assuntos relacionados a ela. Para o presente artigo descrevemos e analisamos resultados referentes aos encontros realizados no primeiro semestre de execução do grupo, ano de 2022. Desse modo, os encontros apresentados a seguir versam acerca da esfera do cuidado, do trabalho, dos relacionamentos e das expectativas sociais em torno do “ser mulher” que, segundo as próprias participantes, pode ser representado pela figura da Amélia na canção “Ai, que saudade da Amélia” (Alves & Lago, 1968).

3 Resultados e Discussão

As identidades sociais, como as de gênero e de sexualidade, são definidas na esfera da cultura e da história, formando os sujeitos a partir dos atravessamentos por situações, instituições ou agrupamentos sociais (Louro, 2018). Tais atravessamentos das implicações das normas de gênero vivenciadas por mulheres vêm à tona no acontecer grupal, a partir da reprodução, nos papéis grupais, dos papéis sociais desempenhados (Lane, 1984). Alguns desses papéis tornaram-se mais evidentes, como os que dizem respeito aos recortes de gênero, raça e classe.

Entretanto, além disso, as vivências tratadas no acontecer do grupo são também perpassadas pelo envelhecimento, pelo trabalho, pelos relacionamentos e pela esfera do cuidado, que se tornaram recorrentes nas narrativas das participantes.

Os temas abordados no período abrangido foram: “ser mulher”, “cuidado de si”, “trabalho”, “relacionamentos amorosos”, “mulher Amélia”, “eu no grupo” e, por fim, o encerramento das atividades do ano e a confraternização ocorridas em dezembro do mesmo ano. Vale ressaltar que os encontros do grupo seguem em andamento, porém nessa oportunidade serão apresentadas e discutidas as temáticas tratadas em alguns dos encontros realizados pelo grupo, em ordem cronológica à sua abordagem, bem como as suas principais reverberações no processo grupal.

3.1 “Ser Mulher”

Os dois primeiros encontros do grupo buscaram discutir a temática do “ser mulher”, abordada visando oportunizar que as experiências e demandas das participantes do grupo pudessem emergir, a fim de vislumbrar um horizonte de vivências possíveis de serem trabalhadas no decorrer do processo grupal. Desse modo, conforme Louro (1995), pensando na oposição social estabelecida binariamente entre o “ser homem” e “ser mulher”, cabe problematizar a princípio como tais categorias podem favorecer a essencialização das identidades e favorecer o apagamento das diferenças existentes entre homens e mulheres. Além disso, o que se propõe não perpassa por ressaltar um “ser mulher” único e idêntico, mas desconstruir a oposição determinante entre os ideais de “homem” e de “mulher”, bem como a visão singular do gênero feminino e, dessa forma, reconhecer as diversidades de raças, etnias, religiões, classes sociais e idades que o atravessam (Louro, 1995).

Nesses encontros buscou-se iniciar a construção de vínculos e o levantamento das demandas e dos temas de interesse das participantes. Assim, objetivou-se oportunizar que as participantes que não se conheciam previamente conhecessem umas às outras e, também, conhecessem as coordenadoras do grupo. Além disso, foi apresentada a proposta das coordenadoras para o desenvolvimento e construção coletiva do grupo que ali começava a se constituir. Firmou-se também um contrato grupal que favorecesse a garantia de sigilo das informações compartilhadas no grupo, bem como o acolhimento e segurança das participantes.

As principais repercussões dos primeiros encontros dizem respeito à autopercepção das participantes quanto ao “ser mulher”. Em um deles, por meio de uma técnica grupal que

fomentava a reflexão acerca do tema, foi possível que as participantes expressassem os significados elaborados em torno do questionamento: “O que significa ser mulher para você?”. Para isso, era proposto que buscassem sintetizar por meio de uma palavra-chave específica de escolha singular o que lhes despertava tal questão. Palavras como “vida”, “força”, “diversão”, “mãe”, “avó”, “cuidado”, “difícil” foram mencionadas pelas integrantes e, nesse cenário, as percepções e os sentidos atribuídos puderam ser acolhidos e discutidos coletivamente entre as integrantes do grupo. Nota-se que as questões primordiais tratadas pelo grupo nestas atividades iniciais se relacionavam com as temáticas do envelhecimento, da autoestima, dos cuidados de si e do outro, da família e do gerenciamento do tempo e dos deveres e obrigações.

Dessa forma, em consonância com o procedimento de pré-análise proposto por Afonso (2018, p. 33), “o coordenador deve inteirar-se da problemática a ser discutida, refletir, estudar e coletar dados e informações”. Nesse processo, as coordenadoras podem identificar demandas, dados e aspectos relevantes a serem trabalhados nos encontros e, diante das repercussões grupais, há construção de “temas-geradores” que podem ser abordados no grupo. Logo, com as primeiras problemáticas levantadas pelo grupo, o próximo encontro abordou o “cuidado de si”.

3.2 Cuidado de Si

A abordagem da temática do “cuidado de si” decorreu das discussões anteriores em torno do “ser mulher”, nas quais a esfera do cuidado se apresentou salientemente nas narrativas das participantes. Nesse sentido, compreende-se que o “cuidar” é pouco valorizado socialmente, em contrapartida, é fortemente naturalizado e feminilizado, cabendo às mulheres o cuidado dos membros da família (Renk, Buziquia, & Bordini, 2022).

Frente aos aspectos levantados pelas participantes em suas percepções acerca do que representaria o “ser mulher” para elas, o tema do “cuidado de si” é escolhido buscando discutir as práticas e as possibilidades de cuidados alternativos àqueles direcionados ao lar e a família, de modo a abordar aqueles que se destinam às próprias participantes do grupo.

Para o desenvolvimento dessa temática, seguindo os momentos previstos no método das práticas grupais de Pereira e Sawaia (2020) e na oficina em dinâmica de grupos de Afonso (2018), o encontro contou com um primeiro momento de aquecimento. A atividade foi conduzida por uma das coordenadoras, que indicava os movimentos corporais a serem feitos pelas participantes com o intuito de promover o despertar e o alongamento corporal. Ainda na fase de aquecimento, promoveu-se um período de apresentações, no qual, na posse de uma bola,

cada integrante se apresentava e jogava a bola e, assim, sucessivamente. Isso possibilitou, de maneira lúdica, que o vínculo grupal continuasse a ser firmado e as participantes pudessem constituir uma intimidade mutuamente.

O segundo momento do encontro, já facilitado pela primeira atividade, consistiu-se em pensar sobre as práticas de “cuidado de si” realizadas por cada integrante. “Cuidado de si”, nesse sentido, pode ser compreendido por meio da perspectiva da “cultura de si” de Foucault (2020). Este autor, através da herança do pensamento grego, entende a existência atravessada pelo princípio do “cuidado de si”, o qual, na perspectiva foucaultiana, ganharia amplos sentidos, dentre os quais pode-se destacar aquele que diz respeito a ser esta uma atitude, uma forma de se comportar que penetrou as formas de viver a partir de práticas sociais que podem visar uma ética da liberdade.

O recurso estético (Pereira & Sawaia, 2020) referente ao tema em questão partiu da disponibilização de imagens que se referiam a diferentes modos de cuidado de si, seja na esfera do lazer, da beleza, da saúde, entre outros. As imagens estavam dispostas sobre uma mesa e as participantes do grupo foram convidadas a escolherem aquela que mais lhe chamava a atenção. Depois, na posse da imagem escolhida, cada participante pôde compartilhar no grupo as motivações para sua escolha e o que a imagem representaria para si.

A discussão possibilitou evidenciar a singularidade dos sentidos das práticas de autocuidado para cada participante. Como exemplo, uma das participantes, ao escolher a imagem que representaria o “cozinhar” enquanto prática de cuidado de si, alega que esse momento é afetivo para ela e a relembra de sua infância. Em contrapartida, outra participante se manifestou dizendo: “*estou cansada de cozinhar, cozinho desde os oito anos, precisando pegar um banquinho para alcançar a bancada*”. Outras questões levantadas fluíram em torno da questão do “lazer” enquanto cuidado de si. Isso porque, por meio da discussão acerca dos passeios e viagens representados nas imagens enquanto formas de autocuidado, algumas das participantes manifestaram-se dizendo terem dificuldades para passear e viajar, considerando o fato de terem atribuições enquanto cuidadoras dos maridos.

Frente ao exposto, pôde-se buscar tensionar e debater em torno da noção de “cuidado de si” à luz da perspectiva de Foucault (2020) explorada anteriormente. Diversos foram os sentidos constituídos em torno das práticas do “cuidar de si” e “cuidar do outro” que puderam ser observados no acontecer grupal, a partir das vivências relatadas pelas participantes. A esfera do “cuidado de si” aparece permeada por questões relativas ao “cuidado do outro”. Por isso, no

que se refere mais especificamente ao cuidado de familiares, conforme trazido pela discussão grupal, notou-se que são as mulheres as principais responsáveis pelo desenvolvimento desta tarefa. Isso coaduna com o que é apresentado por Renk et al. (2022), de modo que caberia a elas garantir a saúde e o bem-estar de seus pais, irmãos e maridos.

O terceiro e último momento deste encontro do grupo tratou, então, de sistematizar as discussões do dia e vislumbrar possibilidades de temáticas a serem trabalhadas na semana seguinte. No momento da finalização do encontro, com a candente discussão em torno dos trabalhos domésticos e cuidados familiares designados às mulheres, uma das participantes sugeriu que a próxima temática abordasse questões relativas à administração financeira do lar.

Por fim, como última ação, foram retomados e ressaltados os combinados grupais, dando encerramento ao encontro. Cabe, ainda, ressaltar que, desenvolvendo o movimento de planejamento flexível para a proposição do próximo encontro (Afonso, 2018), as coordenadoras buscaram se inteirar das problemáticas discutidas, de modo a sugerirem uma temática para o próximo encontro que fosse condizente com os debates realizados naquele dia, as sugestões das participantes e a análise do processo grupal. Desse modo, no encontro seguinte foi trabalhado a temática do “trabalho”.

3.3 Trabalho

Tendo em vista as elaborações realizadas no encontro grupal da semana anterior, o tema proposto pelas coordenadoras para as mulheres do grupo na semana em questão foi, então, o “trabalho”. Considerando o interesse das participantes na atividade inicial que favorecesse o movimento corporal, foi proposto que ao som de uma música, as participantes se movimentassem pelo local, respeitando o ritmo do som. Assim, em alguns períodos da música as participantes, desenvolvendo a consciência do próprio corpo e do espaço, eram convidadas a se movimentar mais rapidamente e, em outros, a diminuir o ritmo dos movimentos, andando lentamente pelo local. Passando para o segundo momento do encontro, foi feita uma síntese do encontro anterior, bem como se relacionou a primeira atividade realizada naquele dia com a introdução do tema principal a ser tratado no grupo, abordando aspectos sobre o ritmo, a aceleração, a pressa e a calma e como isso poderia estar relacionado com o cotidiano do trabalho por elas vivenciado.

Trabalho pode ser compreendido, por meio da perspectiva marxista, como o processo estabelecido entre o ser humano e a natureza, no qual o indivíduo medeia e controla seu

metabolismo com natureza e, neste processo, a natureza se modifica por sua ação, bem como o ser humano modifica a si (Marx, 1867/2023). Nesse contexto, há de se destacar a relação que se estabelece entre o indivíduo e a natureza e as formas de organização de trabalho sob a perspectiva da divisão sexual do trabalho. Isso porque a divisão sexual do trabalho é a maneira em que a divisão do trabalho social se dá diante das relações sociais estabelecidas entre os sexos, sendo uma questão primordial para a manutenção da relação social entre os sexos e sendo modulada pela história e pela sociedade (Hirata & Kergoat, 2007).

Pensando nisso, a fim de se debater a esfera do trabalho propriamente, no segundo momento da atividade do grupo utilizou-se da “Técnica das Manchetes”, que consistiu em distribuir manchetes impressas de portais de notícias que retratavam a realidade do trabalho para mulheres no Brasil. Foi realizada a leitura das manchetes, uma a uma, propondo sua discussão. O conteúdo das manchetes abordava os direitos das mulheres no mercado de trabalho, o trabalho doméstico e a aposentadoria. As participantes se manifestaram sobre o tema, evidenciando diferentes experiências em seus cotidianos de trabalho, já que algumas delas conciliam trabalhos remunerados, enquanto outras desempenham exclusivamente trabalhos não-remunerados.

Pode-se destacar como a função de trabalhadora doméstica emerge nas narrativas das participantes acerca de suas vivências. Isso porque, tendo em vista que se trata majoritariamente de mulheres negras, houve participantes que revelaram ter ocupado essa função desde a infância até a vida adulta, por meio do trabalho em casas de famílias. Esse cenário demonstra a herança colonial e escravocrata presente na sociedade ainda na contemporaneidade, que tem, para as mulheres negras, reverberações e sentidos próprios. Carvalho e Gonçalves (2023) sugerem que se reflita acerca das diversas intersecções presentes no exercício deste trabalho e suas implicações para as mulheres, especialmente as negras e as pobres.

O encontro tratou ainda acerca das conquistas feministas no mercado de trabalho e a busca pela sua garantia no decorrer da história. Nesse sentido, cabe problematizar como tais mudanças, conforme hooks (2018), ainda não garantem a uma multidão de mulheres o acesso a empregos satisfatórios, contemplando em sua maioria mulheres com alto nível de educação formal. Além disso, as contradições existentes da inserção de mulheres no mercado de trabalho implicam a sua permanência nos trabalhos domésticos. Com isso, suas participações no mundo do trabalho, por vezes, significam um aumento da sobrecarga de tarefas e diminuição da qualidade de vida em casa (hooks, 2018).

O casamento aparece nas narrativas das participantes como um acréscimo de responsabilidades domésticas, gerando dificuldades para a conciliação entre os trabalhos formais desempenhados e as atividades domésticas, a elas atribuídas e por elas executadas. Isso porque a divisão sexual do trabalho configura diferentemente as funções trabalhistas entre homens e mulheres, de modo que a divisão entre o “trabalho profissional” e o “trabalho doméstico” é complementar à divisão entre homens e mulheres. Ademais, Hirata e Kergoat (2007) apontam que dentro do que se entende enquanto “trabalho profissional” são restritas às mulheres as modalidades que possibilitam a reprodução dos papéis sexuados. Este aspecto foi expresso no acontecer grupal por meio da narrativa de uma das participantes: *“quando casei, quase parei de trabalhar; meu marido disse ‘mulher minha não trabalha!’, mas eu continuei mesmo assim”*.

Outra questão marcante é a maternidade, que, juntamente com o casamento, produz ainda outras implicações para as mulheres na esfera do trabalho. As participantes narram sobre as dificuldades enfrentadas para conciliar o cuidado com os(as) filhos(as) e o trabalho. A esse respeito, uma delas diz: *“eu era autônoma e trabalhava com os filhos em casa, sendo manicure ou fazendo artesanatos para vender”*. Ressaltam a disparidade entre os direitos trabalhistas, no que tange ao período reservado para as licenças maternidade e paternidade. Essa diferença demonstra um cenário no qual a realização do trabalho de reprodução social é direcionada às mulheres, por meio da invisibilidade e naturalização das tarefas femininas enquanto expressões de amor e do cuidado maternal (Garcia & Marcondes, 2022). Além disso, espera-se que elas articulem os cuidados com a casa e com os(as) filhos(as) com os outros trabalhos desempenhados, muitas vezes, até mesmo na função de empregadas domésticas, cuidando adicionalmente da casa e dos(as) filhos(as) de outras famílias, incumbindo às mulheres a obrigatoriedade de conciliar sua vida familiar, profissional e seu relacionamento amoroso.

3.4 Relacionamentos Amorosos

Como desdobramento do encontro anterior, o próximo tema definido coletivamente foi a respeito dos relacionamentos amorosos. Este assunto já havia emergido em outros momentos para indicar como tais relacionamentos determinaram ou influenciaram as escolhas de vida dessas mulheres e revelando de que maneira a existência ou não de um parceiro amoroso produziu diferentes consequências no atual momento de suas vidas. A fim de possibilitar um espaço de diálogo sobre esse tema, foi proposto ao grupo a “Técnica da Balança”, na qual são

associadas palavras e expressões, por meio da figura de uma balança com dois pratos, reunindo o que seria para elas os benefícios, de um lado, e os malefícios, de outro, de se “estar em um relacionamento” e de se “estar solteira”.

Os aspectos listados no lado positivo da balança de se “estar em um relacionamento” e negativo de se “estar solteira” revelaram como as relações amorosas são compreendidas por elas enquanto possibilidade de solução para problemas ligados à vulnerabilidade dos vínculos sociais e das redes de apoio, às carências afetivas e às barreiras de acesso à cidade. Para ilustrar isso, recuperamos o relato de uma das integrantes do grupo, trata-se de uma mulher viúva de aproximadamente 70 anos que menciona, ao longo da atividade, expressões como “solidão” e “falta de companhia” associadas ao estar solteira, relatando para o grupo como a aposentadoria foi um fator determinante para a fragilização dos laços que tinha com suas amigas do trabalho; elenca ainda as dificuldades de acesso ao lazer e de locomoção no município em suas tentativas de construção de novos vínculos e afirma, em tom de lamento, que seria bom estar em um relacionamento nem que fosse para ter “alguém que a perturbasse”.

Conforme Dias e Serra (2018), as mulheres idosas, quando comparadas aos homens idosos, são muito mais afetadas pelo problema da solidão. Dentre os aspectos levantados em sua pesquisa bibliográfica, as autoras apontam que esse processo ocorre por conta de inúmeros fatores, tais como: a feminização da velhice e a morte dos parceiros amorosos, o advento da aposentadoria, a saída de casa dos(as) filhos(as) e netos(as), a rejeição social da reestruturação conjugal e amorosa de mulheres idosas e as violências simbólicas como preconceitos e estereótipos que culminam na invisibilidade e marginalização das pessoas idosas na família e na sociedade.

Outro aspecto citado na literatura relaciona-se com as disparidades econômicas que fazem com que as mulheres idosas sejam mais pobres comparativamente aos homens do mesmo grupo etário. De acordo com Motta (2018), a maior carência econômica identificada em mulheres idosas se deve, sobretudo, às desigualdades de gênero, que conferem às mulheres condições inferiores ou, até mesmo, inexistentes de acesso à educação formal ou de ingresso ao mercado formal de trabalho. A carência de recursos e a consequente situação de vulnerabilidade, segundo a autora, também contribuiriam para estabelecer condições que geram sentimentos de solidão partilhados por mulheres idosas.

Importante mencionar também que, de maneira comum, homens e mulheres idosos se deparam cotidianamente com inúmeros impasses para a circulação urbana e para o acesso à

cidade: calçadas com obstáculos como buracos, árvores, degraus e desníveis; precariedade ou falta de rampas gerando barreiras de acesso ao transporte público; inobservância de vagas e espaços reservados para público prioritário e iluminação inadequada das ruas, dentre outros aspectos (Novaes & Valle, 2018). Isso configura importante causa para o isolamento desta população, pois, como apontado por Mynarski, Magro e Luzardo (2023), a promoção de qualidade de vida está diretamente associada à mobilidade urbana, fator determinante na garantia de acesso ao que a cidade tem a oferecer.

Segundo as mulheres participantes do grupo, estar solteira possibilitaria “liberdade” e “individualidade”, palavras registradas no lado positivo da balança, enquanto aspectos negativos apontados pelas participantes acerca de estar em um relacionamento foram sintetizados nas palavras “preocupações”, “responsabilidades” e “dependência”. Importante explicitar que a maioria das integrantes casadas que participam do grupo são as principais responsáveis pelo cuidado de seus maridos que enfrentam processos de adoecimentos crônicos e demandam diversas formas de assistência. A dependência de seus cônjuges, nesse sentido, é manifesta no relato das participantes como um fator prejudicial ao exercício da autonomia e produtor de uma intensa sobrecarga de atividades. Ao falarem sobre o desafio que é para elas deixarem os maridos em casa para sair e de não terem tempo para cuidarem de si mesmas, uma das integrantes afirma: “*a gente nasceu para ser cobrada*”.

Outras palavras no lado negativo da balança de “estar em um relacionamento” foram “diferenças” e “brigas”. Nesse momento, as participantes descrevem situações em que os companheiros, maridos ou namorados discordam das participantes, demarcando os desafios da individualidade, de si e do outro, em uma relação amorosa. Também se discutiu quais seriam os limites de uma briga e como lidar, respeitosamente, com os conflitos e divergências próprios de qualquer relacionamento. Todas essas discussões fazem emergir questionamentos em torno de qual seria o momento de terminar uma relação e o que teria mantido as mulheres casadas do grupo em seus casamentos, algumas delas por décadas.

Uma das participantes se arrisca em dizer “*comeu a carne, agora rói os ossos*”, enquanto outra recupera o nome “Amélia”, referente à personagem da canção “Ai, que saudade da Amélia” (Alves & Lago, 1942). Ambas as expressões buscam representar o papel social esperado da mulher enquanto aquela que tudo enfrenta e tudo suporta em seus casamentos, em nome do amor. Diante disso, buscou-se, no encontro seguinte, a partir do tema “mulher-Amélia”, a promoção de um espaço de partilha das emoções e sentimentos das participantes em

torno dessa questão, buscando abarcar, principalmente, o que se espera de uma mulher no contexto da relação amorosa.

3.5 A “Mulher-Amélia”

Segundo Zanello (2018), as relações amorosas se constituem, em nossa cultura, como importante via de subjetivação feminina. Para a autora, o dispositivo amoroso opera sobre as mulheres demarcando como elas se autovalorizam e como são valorizadas socialmente, tendo como horizonte o lugar que ocupam no âmbito da relação amorosa. Esse mecanismo prescreve às mulheres uma série de exigências em torno do feminino: elas devem ser dóceis, devotadas, recatadas e, acima de tudo, amantes. As mulheres seriam, nesse sentido, impulsionadas a tudo sacrificar e fazer da relação amorosa uma expressão identitária, se constituindo e se qualificando em nome do “amor”.

Para explorar esse tema, foi proposto às participantes a confecção de uma “Amélia” a partir do traçado de uma silhueta feminina em uma folha de papel *kraft*. A parte interna do desenho foi preenchida por palavras e expressões sugeridas pelo próprio grupo, relacionadas ao que seria a “mulher-Amélia”. Já o lado externo à silhueta deveria compreender palavras e expressões referentes à experiência de não ser como uma “Amélia”. Como recurso disparador foram utilizadas duas canções: “Ai, que saudade da Amélia” (Alves & Lago, 1942) e “Desconstruindo Amélia” (Pitty, 2009).

Dentre as palavras registradas no lado interior da “Amélia” havia os sentimentos ambivalentes de “alegria” e “tristeza”. Segundo as participantes do grupo, uma “Amélia” se sentiria alegre por “*cumprir o juramento que fez na igreja*”, representaria uma “*heroína*”, uma “*batalhadora*” e um “*exemplo*” para todos.

Enquanto aspecto identitário do gênero feminino, tal como propõe Zanello (2018), a relação amorosa que termina representaria para mulher o seu próprio fracasso, pois caberia a elas a responsabilidade de conservação de seus casamentos pela via da passividade e da compreensão. Segundo a autora, muitas mulheres acabam por se comprometer com o casamento e, nesse sentido, permanecem em seus relacionamentos independentemente da satisfação que seus parceiros lhe proporcionam: “muitas mulheres suportam melhor o desamor do que o não ter alguém. E adoecem. Não pelo amor, como uma entidade metafísica, mas por um modo de entender e viver o amor como questão identitária” (Zanello, 2018, p. 95).

Associado ao sentimento de tristeza, uma “Amélia” também seria atravessada pela “falta de reconhecimento”, por inúmeras formas de “cobranças”, pela “dependência” e pela “falta de alternativas”. A palavra “culpa”, por sua vez, aparece tanto no lado de dentro como também de fora. No lado de dentro, teve seu sentido associado ao impasse do término, seja por temer os julgamentos sociais, principalmente da família e da religião, seja pela falta de autonomia e de condições concretas de subsistência para si e para os seus dependentes. A palavra “filhos” emerge na discussão como um aspecto que levaria muitas “Amélias” a se sentirem presas às suas relações, tolerando tudo em uma relação em nome do convívio dos(as) filhos(as) com a figura do pai e na intenção de não os levar supostamente a sofrer com um divórcio. As “Amélias” são identificadas ainda, conforme a atividade, como mulheres “sem vaidade” e que se dedicariam, a todo custo, ao cuidado da família, apagando-se sempre em função do outro. Segundo o grupo, as mulheres “Amélias” conseguiriam dar conta de suas vidas sem seus maridos, mas entendem que eles permanecem na relação porque dependem delas para as tarefas básicas do dia a dia, como as do âmbito doméstico e dos cuidados em saúde.

No decorrer da atividade, foi oportunizado às participantes um espaço de partilha das experiências pessoais ou de pessoas próximas a elas, relacionando as palavras e expressões citadas, à primeira vista, com as suas vivências singulares. No entanto, a atividade grupal passou a contemplar o estabelecimento de pontos de divergência ou de aproximação entre as experiências das participantes. O encontro oportunizou reconhecer, explorar, problematizar e elaborar os determinantes sociais que atravessam homens e mulheres, demarcando diferentes expectativas acerca do que se espera de cada um deles. As participantes passaram a partilhar, também, sobre as situações em que precisaram “chutar o balde”, referindo-se ao rompimento com determinados relacionamentos. As participantes foram convidadas, a seguir, a partilhar sobre quais teriam sido os aspectos mais significativos das suas experiências para tais rompimentos.

Assim, na parte externa da silhueta, foram mencionadas expressões como “ser forte” e “ver alternativas”. A força, para o grupo, estaria ligada à capacidade de suportar os desafios de uma mudança de vida e, por isso, o “apoio” seria fundamental para que as “Amélias” conseguissem se reestruturar diante do fim da relação amorosa. Esse apoio se daria tanto na garantia de condições concretas de subsistência, tendo em vista que muitas mulheres do recorte geracional do grupo em questão nunca tiveram sua própria renda, como também de maneira psicológica, amenizando os sentimentos de “culpa” que permeariam essa decisão. Para as

participantes, acima de tudo, seria fundamental que as “Amélias” pudessem vislumbrar alternativas e oportunidades, o que, segundo elas, tem se viabilizado cada vez mais com as novas gerações.

3.6 Eu no Grupo

O último encontro temático do grupo ocorreu de modo a se trabalhar a questão do “Eu no grupo”, ou seja, de como elas se percebiam enquanto participantes deste grupo. Para isso, inicialmente, os materiais confeccionados durante a trajetória do grupo foram dispostos nas paredes da sala em que ocorriam os encontros. Desse modo, oportunizou-se que as participantes pudessem rememorar as temáticas trabalhadas, bem como as questões tratadas a cada semana pelo grupo. Partindo desse momento, na segunda parte do encontro foi proposto que cada uma pudesse, então, representar como se “via” no grupo e o que o grupo representaria para ela. Foram disponibilizados materiais como papéis, lápis de cor, canetas etc., para proporcionar que cada uma expressasse suas percepções de maneira livre, criativa e pessoal.

As produções elaboradas foram individualmente apresentadas para as demais, apostando no espaço grupal enquanto locus que possibilita a ressignificação de si e a produção de novas relações, a medida em que promove, a partir da escuta, da reflexão e do cuidado, a identificação e a diferenciação entre os sujeitos que constituem o grupo (Pereira & Sawaia, 2020). As produções contavam com ilustrações, escritas ou colagens. Algumas representaram a si mesmas nos desenhos. Além disso, demonstraram estar inseridas no grupo ao se representarem juntamente com as demais participantes, o que oportunizou fomentar reflexões em torno do reconhecimento do vínculo constituído até aquele momento.

Observou-se, então, o estabelecimento de uma identidade grupal, a qual pode ser construída com o decorrer dos encontros, se mostrando mais perceptível depois da trajetória grupal percorrida. Cada material desenvolvido contava com elementos que diziam singularmente das percepções das participantes sobre si, enquanto integrante do grupo, e sobre o que o grupo representaria para elas. Ao dizer sobre o acolhimento das diferenças entre as mulheres, Lorde (2020, pp. 136–137) sugere que “apenas dentro dessa estrutura de interdependência de diferentes forças, reconhecidas e em pé de igualdade, é que o poder para buscar novas formas de ser no mundo pode ser gerado, assim como a coragem e o sustento para agir onde ainda não tem acesso”.

Por fim, as discussões em torno das produções mobilizaram o debate final acerca da nomeação do grupo ali estabelecido, em face do processo grupal até então desenvolvido. Provocadas a nomear o grupo, foram tratadas questões em torno das redes de apoio e amizade, surgindo algumas sugestões. Após o levantamento de sugestões, combinou-se que na próxima semana se escolheria em conjunto o nome do grupo, aproveitando-se a oportunidade para a realização de uma confraternização de encerramento dos encontros do ano.

3.7 Encerramento e Confraternização

O grupo se reuniu para o último encontro do ano de 2022 às vésperas do recesso de férias e festas de final de ano. A atividade se pautou na síntese do processo grupal desenvolvido até o momento, de modo que, primeiramente, as participantes e as coordenadoras puderam se dedicar a refletir sobre os vínculos formados e os sentimentos mobilizados a partir da participação no grupo. Evidenciaram-se a partilha e a intimidade formadas ao longo do processo, reiterando que o espaço do grupo oportunizou a coletivização das experiências, bem como o reconhecimento das semelhanças entre as vivências e as experiências de quem o compõe (Pereira & Sawaia, 2020).

O segundo momento do encontro foi dedicado a pensar e definir o nome do grupo. Com base nas possibilidades levantadas na semana anterior, o grupo se organizou a fim de apreciar as ideias das integrantes. Com a mediação das coordenadoras, as sugestões que perpassaram aspectos como “amizade”, “união” e “encontros” foram sistematizadas, buscando um nome que expressasse a identidade grupal formada. Neste processo foi elaborado e definido o nome “Mulheres unidas: vivendo os encontros”, o qual reuniu os sentidos trazidos pelas participantes, confluindo no que o grupo significava para elas.

O terceiro momento da atividade do dia tratou do encerramento, não só do encontro, como também do ciclo das atividades grupais daquele ano. Tendo em vista este contexto, conforme combinado anteriormente com as participantes, foi feita uma confraternização, composta por um lanche coletivo oferecido a todas e do aproveitamento do espaço do grupo para cumprimentos e despedidas entre as coordenadoras e as participantes. Além disso, foram estabelecidos acordos acerca da continuidade do grupo no próximo ano, reafirmando a presença das estagiárias e da psicóloga na coordenação do grupo. Por fim, ratificou-se o convite para as participantes continuarem a frequentar e compor o grupo “Mulheres unidas: vivendo os encontros”, bem como convidar possíveis novas interessadas.

4 Considerações Finais

Diante do exposto, torna-se possível tecer algumas considerações acerca da experiência proposta e execução da intervenção psicossocial em um grupo no contexto da assistência social no município de São João del-Rei, Minas Gerais. Conforme exposto anteriormente, o CRAS opera de modo a propiciar serviços e programas que favoreçam o acolhimento e fortalecimento de vínculos aos sujeitos e famílias do território (Conselho Federal de Psicologia, 2021). Nesse sentido, os grupos podem ser recursos importantes para avançar na garantia da proteção social básica e no desenvolvimento de autonomia e emancipação dos usuários do serviço (Afonso & Fadul, 2015). Por isso, o processo grupal que se deu a partir do grupo “Mulher unidas: vivendo os encontros” pôde se constituir em um espaço no qual as participantes puderam buscar o “reconhecimento da sua historicidade e condição humana, fundamentalmente criadora” (Pereira & Sawaia, 2020, p. 93).

O planejamento flexível dos temas tratados nos encontros favoreceu que a trajetória do grupo pudesse ser construída a partir dos sentimentos e interesses mobilizados durante o próprio processo grupal. Os significados das experiências implicadas no “ser mulher” das participantes puderam ser abordados a partir de vivências singulares e dos modos com que cada participante se relacionava com as temáticas em voga. Torna-se importante ressaltar que o desenvolvimento da intervenção psicossocial junto ao grupo em questão se deu amparado sobre as lentes e perspectivas de gênero (Scott, 2019) e do Feminismo Negro (Lorde, 2020), considerando as intersecções diversas implicadas nas experiências das mulheres participantes. Dessa maneira, buscou-se, conforme Lorde (2020), reconhecer as diferenças, tendo em vista que a recusa no seu reconhecimento leva à impossibilidade de evidenciar os problemas por elas enfrentados enquanto mulheres.

Como dificuldade enfrentada neste estágio, pode-se destacar que as atividades realizadas não contaram com nenhuma espécie de financiamento que pudesse subsidiar a aquisição dos recursos utilizados nos encontros grupais. Tal desafio foi contornado a partir da criatividade das coordenadoras do grupo e da elaboração de tarefas condizentes com os materiais disponibilizados pelo CRAS e pela Universidade, como: papéis, cartolinas, canetas, tesouras, colas, revistas antigas etc. Ao final deste primeiro ano de experiência, verifica-se que foi possível reinventar diferentes propostas evitando que os encontros se tornassem monótonos

ao abarcar formas de expressividade diversas que contribuam para as reflexões e discussões realizadas.

A partir da organização e realização do grupo foi possível construir alianças e vínculos, possibilitando reflexões que, para além das resistências passíveis de serem enfrentadas, permitiram uma afetação mútua entre os envolvidos (Leal-Zanchet et al., 2023). Por isso, pode-se concluir que, diante deste cenário, há potencialidades no desenvolvimento de atividades grupais ligadas à elaboração de vivências de mulheres na contemporaneidade, bem como o oferecimento de espaços de escuta, partilha e acolhimento de tais experiências.

Por fim, pode-se apostar no processo grupal enquanto o encontro que possibilita o diálogo com as outras e que, a partir das dúvidas e comentários das participantes do grupo, abre brechas para a reflexão de temas, pensamentos e emoções, assim como a possibilidade de duvidar de certezas antes tão bem consolidadas que, por vezes, poderiam ser fonte de sofrimentos (Pereira & Sawaia, 2020). Desse modo, constituir espaços que acolham as dúvidas e movimentam as certezas favorecem o que Lorde (2020, p. 153) defende sobre a importância de “aprimorar nossa autodefinição quando expomos nossa identidade no trabalho e na luta conjunta com aqueles que definimos como sendo diferentes de nós, mas com quem compartilhamos objetivos comuns”.

Diante do exposto, pode-se considerar que essa intervenção realizada no CRAS vem cumprindo com seus objetivos, apostando na criação e em modos de acolhimento, orientados pelas interseccionalidades das participantes que constituem o grupo. A experiência relatada visa inspirar propostas semelhantes ao considerar de que maneira marcadores sociais como raça ou etnia, gênero, idade e classe social produzem aproximações e distanciamentos em torno do “ser mulher”. Abordar tais intersecções foram fundamentais ao oportunizar um espaço de aprofundamento e de legitimação das vivências partilhadas considerando as singularidades de cada participante.

Referências

- Afonso, M. L. M. (2018). Oficinas em Dinâmica de Grupo: um método de intervenção psicossocial. In M. L. M. Afonso (Org.), *Oficinas em Dinâmica de Grupo: um método de intervenção psicossocial* (3a ed., pp. 9-61). Casa do Psicólogo.
- Afonso, M. L. M., & Fadul, F. M. (2015). O trabalho com grupos no PAIF: um diálogo interdisciplinar com a Oficina de Intervenção Psicossocial. *Pesquisas e Práticas*

- Psicossociais*, 10(1), 140–154. Recuperado de:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v10n1/12.pdf>
- Alves, A., & Lago, M. (1968). Ai, que saudade da Amélia [Música]. Em *Ataulfo Alves LP*. Odeon.
- Carvalho, M. G., & Gonçalves, M. da G. M. (2023). Trabalho doméstico remunerado e resistência: interseccionando raça, gênero e classe. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 43(1), e249090. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003249090>
- Conselho Federal de Psicologia. (2013). *Documento de referência para atuação de psicólogas(os) em serviços de atenção à mulher em situação de violência*. Conselho Federal de Psicologia. Recuperado de: <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas-os-em-programas-de-atencao-a-mulher-em-situacao-de-violencia/>
- Conselho Federal de Psicologia. (2021). *Referências Técnicas para atuação de psicólogas(os) no CRAS/SUAS*. (3a ed). Conselho Federal de Psicologia. Recuperado de: <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas-os-no-cras-suas/>
- Conselho Nacional de Saúde [CNS]. (2016). Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. *Diário Oficial da União, Seção 1*(98), 44-46.
<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- De Jesus, J. G., & Galinkin, A. L. (2015). Gênero e Psicologia Social no Brasil: entre silêncio e diálogo. *Barbarói*, 43(1), 90–103. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i0.4482>
- Dias, M. J. S., & Serra, J. (2018). Mulher, velhice e solidão: uma tríade contemporânea?. *Revista Sociedade & Saúde*, 17(1), 9-30. Recuperado de:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/sss/article/view/8655190/19323>
- Duarte, G., & Spinelli, L. M. (2019). Estereótipos de gênero, divisão sexual do trabalho e dupla jornada. *Revista Sociais e Humanas*, 32(2), 126–146.
<https://doi.org/10.5902/2317175836316>
- Foucault, M. (2020). *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Paz & Terra.
- Freitas, M., & Pereira, E. R. (2018). O diário de campo e suas possibilidades. *Quaderns de Psicologia*, 20(3), 235–244. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1461>

- Garcia, B. C., & Marcondes, G. S. (2022). As desigualdades da reprodução: homens e mulheres no trabalho doméstico não remunerado. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 39(1), 1-23. <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0204>
- Hirata, H., & Kergoat, D. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, 37(132), 595–609. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005>
- hooks, b. (2018). *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rosa dos Tempos.
- Lane, S. T. M. (1984). O processo grupal. In S. T. M. Lane & W. Codo (Eds.), *Psicologia Social: O homem em movimento* (pp. 78–98). Brasiliense.
- Leal-Zanchet, A. M., Flores, L. C., & Rivero, N. E. E. (2023). Cartografia de um encontro entre serviços de assistência social e saúde em tempos pandêmicos. *Perspectivas Em Psicologia*, 26(1), 1–20. Recuperado de: <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/65238>
- Lorde, A. (2020). *Irmã Outsider: ensaios e conferências*. Autêntica.
- Louro, G. L. (1995). Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação e Realidade*, 20(2), 101–132. Recuperado de: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71722/40669>
- Louro, G. L. (2018). Pedagogias da sexualidade. In G. L. Louro (Org.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (pp. 7- 34). Autêntica.
- Marx, K. (2023). *O capital: crítica da economia política. Livro I* (3a ed.). Boitempo. (Trabalho original publicado em 1867).
- Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2009). *Sistema Único de Assistência Social (SUAS)*. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Recuperado de: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/Consolidacao_Suas.pdf
- Miura, P. O., Silva, G. L. F., Medeiros, A. D., Sena, J. C. & Menezes, S. K. O. (2021). Violência contra a mulher: metassíntese nas revistas de psicologia Qualis A2. *Revista Perspectivas em Psicologia*, 25(2), 25–48. Recuperado de: <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/64041/35389>

- Motta, A. B. (2018). Idade e solidão: a velhice das mulheres. *Revista Feminismos*, 6(2), 88–96. Recuperado de: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30390>
- Mynarski, J. de P., Magro, M. L. P. D., & Luzardo, A. R. (2023). Relação entre mobilidade urbana e qualidade de vida a partir das representações sociais de pessoas idosas em um município de médio porte. *PerCursos*, 24(1), e0114.
<https://doi.org/10.5965/19847246242023e0114>
- Novaes, D. T. P., & Valle, I. R. (2018). O idoso e a cidade. *Direito Internacional e Globalização Econômica*, 4(4), 57–72. Recuperado de:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/DIGE/article/view/40610/27243>
- Passos, R. G. (2020). Mulheres negras, sofrimento e cuidado colonial. *Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*. 45(18), 116–129.
<https://doi.org/10.12957/rep.2020.47219>
- Pereira, E. R., & Maheirie, K. (2022). Práticas grupais: a dialética na formação do comum. In M. I. C. Moreira, & S. M. C. Sousa (Orgs.), *Psicologia Sócio-histórica: bases epistemológicas, categorias fundamentais e intervenções psicossociais* (pp. 219–243). Editora da PUC Goiás.
- Pereira, E. R., & Sawaia, B. B. (2020). *Práticas grupais: espaço de diálogo e potência*. Pedro & João. Recuperado de: <https://pedroejoaoeditores.com.br/2022/wp-content/uploads/2022/01/ebookprc3a1ticasgrupais-1-1.pdf>
- Pitty (2009). Desconstruindo Amélia [Música]. *On Chiaroscuro*. DeckDisc.
- Renk, V. E., Buziquia, S. P., & Bordini, A. S. J. (2022). Mulheres cuidadoras em ambiente familiar: a internalização da ética do cuidado. *Cadernos Saúde Coletiva*, 30(3), 416–423.
<https://doi.org/10.1590/1414-462X202230030228>
- Scott, J. W. (2019). Fantasias do milênio: o futuro do gênero no século XXI. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, 12(39), 319–339. Recuperado de:
<https://revistas.utfpr.edu.br/cgt/article/view/10231/6335>
- Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Appris.

Data de Submissão: 15/06/2023

Data da Primeira Decisão Editorial: 14/08/2023

Data de Aprovação: 06/09/2023